

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
10 de dezembro de 2022

MAN'S FAVORITE SPORT? / 1964 (*O Desporto Favorito dos Homens*)

um filme de Howard Hawks

Realização: Howard Hawks **Argumento:** John Fenton Murray, Steve McNeil e (não creditado) Howard Hawks, baseado no conto *The Girl Who Almost Got Away* de Pat Frank **Direcção de Fotografia:** Russell Harlan **Direcção Artística:** Alexander Golitzen e Tambi Larsen **Décors:** Robert Priestley **Guarda-Roupa:** Edith Head **Genérico:** Don Ormitz **Efeitos Especiais:** Ben McMahon **Música:** Henry Mancini **Canção:** *Man's Favorite Sport*, música de Henry Mancini, letra de Johnny Mercer **Som:** Walden O. Watson e Joe Lapis **Montagem:** Stuart Gilmore **Interpretação:** Rock Hudson (Roger Willoughby), Paula Prentiss (Abigail Page), Maria Perschy (Isolde "Easy" Müller), Charlene Holt (Tex Connors), John McGiver (William Cadwalader), Roscoe Karns (Major Philips), Norman Alden (John "Screaming Eagle"), Forrest Lewis (Skaggs), James Westerfield (o polícia), Regis Toomey (Bagley, o director do concurso), Tyler McVey (Bush, um cliente), Kathie Brown (Marcial), etc.

Produção: Howard Hawks para Gibraltar Laurel Productions / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 125 minutos / **Estreia Mundial:** 3 de Março de 1964 / **Estreia em Portugal:** Cinemas S. Luís e Alvalade, a 15 de Outubro de 1965.

Man's Favorite Sport? é apresentado em "double bill" com **Le Déjeuner Sur l'Herbe**, de Jean Renoir ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Há uma pequena diferença - que não sei se é atribuível à censura - entre o título original e o título português deste filme. O título original é seguido de um ponto de interrogação. O título português não o tem. Nesse ponto de interrogação está o primeiro *gag* de Hawks ou o primeiro "efeito de substituição" desta última comédia de Hawks. Qual é o "desporto favorito dos homens?". *Girls*, responde, sem equívoco, a canção do prodigioso genérico, que as dá a ver de todas as formas e feitios. Mas o filme, mal começado - ou seja, muito bem começado - é um filme sobre a pesca. Será que é a pesca o desporto favorito dos homens? Ou será que a pesca é o desporto favorito de homens que não têm em especial favoritismo o desporto com mulheres?

Hawks resumiu em tempos esta comédia dizendo que era uma variação sobre a velha história do célebre *jockey* que nunca montou a cavalo. "*Transformei-a na do grande pescador que nunca pescou*". Mas, quanto mais o filme vai avançando mais pressentimos que a história da pesca e do pescador que não sabia pescar são substituições para outras histórias e outras ignorâncias. Não se trata de desporto favorito de homens, mas de desporto favorito de mulheres. Só que as mulheres (duas das mulheres) do filme estão porventura demasiado obcecadas com esse desporto (chamemos-lhe assim) que só metonimicamente se pode considerar a pesca. Tiveram foi azar no "peixe" que escolheram. Rock Hudson era tão incompetente nesse desporto como no outro. Ensiná-lo vai ser a árdua e inglória tarefa delas. E se, aparentemente, Rock Hudson é "pescado" e

“pesca” no fim (na antológica sequência em que partilha o barco de borracha com Paula Prentiss) nem tudo o que lhe vem à rede é peixe, ou o que vem ao barco, vem da mesma maneira como lhe foram parar ao anzol os peixes que pescou. Para que não fiquem dúvidas nenhuma o barco esvazia-se e vão os dois parar ao charco quando a situação começava a tornar-se piscatoriamente interessante.

Quanto mais vejo **Man’s Favorite Sport?** mais me espanta como é que este filme passou às malhas da censura (com ou sem ponto de interrogação) desde a americana (à época ainda poderosa) à portuguesa, à época poderosíssima. Até porque o verbo *to fish* tem em americano conhecidíssimo duplo sentido (mais ou menos o mesmo do que o verbo *comer* em português) e ninguém pode ter tido muitas dúvidas sobre o género de pesca a que Hawks se referia. Todo o filme é uma imensa metonímia sobre o acto sexual e é de sexo que este filme fala de uma ponta a outra e de cabo a rabo, mesmo que as palavras não me ajudem ou me ajudem demais. **Bringing Up Baby, Ball of Fire, I Was a Male War Bride** já eram, sobretudo, metonímias dessas. Em **Man’s Favorite Sport?** Hawks levou o feito e o efeito ao seu extremo máximo. Não vou ao ponto de dizer, como um crítico português, que este é um dos “filmes mais obscenos que já foram feitos”, porque a suprema arte de Hawks consiste em evitar sempre a obscenidade. Mas é seguramente um dos filmes que mais deu a comer gato por lebre e em que não há quase situação ou sequência que não seja outra coisa do que aparenta ser. Essa outra coisa seria realmente obscena. Só o não é, porque fiel à etimologia da palavra, está fora de cena. Do *jockey* que não sabia montar a cavalo ao pescador que não sabia pescar, ao homem que não pescava nada. Nem mesmo quando o desporto proclamado no genérico como favorito se lhe metia pela casa dentro, pela cama dentro, por tudo dentro. Efectivamente, há homens muito pouco desportivos. Alergicamente pouco desportivos.

Quem assim for, sofrerá muito se o obrigam a passar dias e noites a ter mesmo que praticar esses desportos, ou até mesmo a fingir que os pratica.

Howard Hawks queria Cary Grant para protagonista deste filme. Grant recusou este desporto, sobretudo quando viu as mulheres que Hawks lhe dava como parceiras nesse jogo. Percebeu que era presumir demais das suas forças, aos 60 anos que então tinha. Em vez de Grant - e *so like Grant* - surgiu então Rock Hudson. Conhecendo-se hoje melhor a biografia do actor e as suas preferências, pode conjecturar-se até que ponto esse *casting* não foi mais uma suprema “maldade” de Hawks. Pelo menos, hoje, funciona como tal e o efeito de inadequação “desportiva” é ainda mais reforçado.

O filme dispara logo na sequência inicial, ainda não conhecemos o gosto e a profissão de Hudson, nem os gostos e as profissões das raparigas. Abalroado por três, Hudson perde o lugar, o estacionamento e a identidade, nos *gags* sucessivos da sua conversa com o polícia (ecoando semelhante sequência do estacionamento proibido em **Bringing Up Baby**). Tem que se virar ao contrário, que se inverter, para procurar no chão do carro o livrete do dito, que provará a sua posse e a sua identidade. Sai de lá com o da rapariga e ouve como resposta do polícia: “*So, you are Mrs Abigail Page?*”. Como homem, já está perdido.

Nas sequências seguintes, perde-se como profissional. O autor do manual do perfeito pescador, o homem que ensina ao major como segurar uma cana de pesca, tem repugnância física por peixes e pela pesca e é um *fake* total. Só que as duas amigas não o acham *fake* no desporto favorito delas e assim se encontra Hudson metido na história que o levará a ficar de todas as cores, inclusive a preto e branco (o recurso a esse reverso da imagem colorida - imagem normal - invertendo por sua vez o significado explosivo que a imagem a preto e branco parece ter como resposta aos beijos de Paula Prentiss).

As inenarráveis situações com as três mulheres (incluindo Charlene Holt, assexuada e chata, que será a única a ficar com uma ideia de Hudson como homem, aproximável à que os outros têm dele como pescador) desenvolvem ao infinito a incompetência do protagonista. Mas para que não

fiquem dúvidas, as suas pescas solitárias são ainda mais frustrantes e metaforicamente ainda mais exemplares do que o seu comportamento com as amigas. Não é preciso ser-se particularmente versado em Freud para saber alguma coisa do que está associado a peixes. O modo como estes saltam para as mãos de Hudson (para dentro de Hudson) fazia-nos perceber, mesmo que nunca tivéssemos lido nada sobre interpretações analíticas.

Mas quem se ficar apenas por essa visão de **Man's Favorite Sport?** não fica com tudo. É porque um *fake* como Roger só pode existir num universo que seja ele também totalmente *fake*. E é nessa direcção que Hawks avança por caminhos que nunca tinha explorado e que introduzem uma inversão de códigos, que pronuncia tudo o que a famosa "estética do falso", viria a proclamar nos anos 80. Presidindo a esse imenso *fake* que é a estação piscatória (nunca Hawks usou *décor*s tão feios, tão postiços, tão falsamente modernos) encontramos o fabuloso índio ("Screaming Eagle") que não é só isco para turistas à cata de exotismo, como ele próprio (nas ajudas que presta a Hudson) o seu par ideal. Pela primeira vez, o tema da homossexualidade (que nada tem que ver com as histórias de amor de homens dos filmes de Hawks) se insinua muito claramente e sem nenhuma conotação amorosa. O índio está lá para outro género de desportos favoritos, ou seja, para serviços especiais a quem não se interessar muito por pescas ou por *girls* (e uma delas, neste filme, chama-se mesmo *easy* e é replicante *fake* de outra).

Mas não é só o índio (a certa altura confundido com Confúcio) que é post-índio (como homem e como homem para assustar). Tudo é igualmente postiço desde que Rock Hudson confessa a Paula Prentiss que nunca pescou na vida (ela tapa-lhe a boca e a imagem escurece) até aos inenarráveis sucessos dos "three days for teaching you". Durante essa aprendizagem, Rock Hudson cada vez mais se torna "coisa". E.P (ou E.T.) naquelas paragens pseudo-selváticas. E como "coisa" (os fatos, os adereços) cada vez mais é, também, *fake* do modelo que o molda, o Cary Grant de **I Was a Male War Bride**. Se consegue fazer "*a lot of things never done before*", só as consegue fazer em simulação e por simulação. Tudo o que lhe acontece é simulado e nem repara que a sopa que come tem baratas lá dentro. Mesmo o acidente resulta de uma simulação e quando se julga a salvo (o gesso) descobre que o rival está engessado também. E o simulacro culmina na noite em que Paula Prentiss (fabulosa Paula Prentiss) o vai visitar para lhe pedir um copo de água e *sleeping pills*. Toda a situação erótica se volve em caricatura dessa mesma situação como se Paula Prentiss o ensinasse a beijar de manual nas mãos, como no dia seguinte Rock Hudson pesca. A infracção das regras acelera-se e Rock Hudson para vencer tem que voltar as costas ao peixe.

Just pretending é uma das frases finais do filme (já dentro do barco). Nunca fizeram outra coisa, como Hawks nunca, neste filme, fez outra coisa. Mesmo quando Rock Hudson se "confessa", a confissão é ainda uma representação. Por isso mesmo, **Man's Favorite Sport?** é das comédias de Hawks a mais construída em *gags* visuais e aquela em que a palavra mais oculta. Pela boca morre o peixe e as aparências enganam. Neste imenso *trompe l'oeil* o que conta é só mesmo enganar o olhar e iludir na perspectiva. E como esse olhar e essa perspectiva são "culturais" (e jamais "naturais") pode também dizer-se que a última comédia de Hawks é a mais tatiânica. Ou, melhor dizendo, num universo à Tati, o espelho invertido da moral da Hawks e das suas metáforas.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico